

O Psicodrama na Re-matriz de identidade: acolhendo a dor da criança ferida na fase adulta

Autora: Claudia Amélia Andrade - claudia.andrade0864@gmail.com

Resumo

Este artigo aborda um caso clínico, e tem como objetivo demonstrar o uso do psicodrama na re-matriz de identidade através do acolhimento da criança interna. Este objetivo, psicodramaticamente, possibilita ao indivíduo uma consciência crescente e um desenvolvimento emocional compatível, ao serem tratadas em sessões relatos do abuso sofrido na infância e sentimentos de impotência, angustia, culpa e raiva. Convidar o adulto a jogar o papel de criança de novo, na realidade suplementar, lhe oferece a oportunidade de resgatar a autoestima e a espontaneidade perdidas. Conclui-se neste caso que o psicodrama bipessoal, ao utilizar o psicodrama interno, o solilóquio, o duplo e a inversão de papéis, foram de suma importância para a cliente se fortalecer e expressar sentimentos da sua criança ferida interna, que pode vivenciar o seu drama de outro ponto de vista, fortalecendo o adulto, passando a ser sujeito da sua própria história.

Palavras-chave: matriz de identidade; criança ferida; psicodrama interno; realidade suplementar

Abstract

This article summons a clinical case, and has as objective to demonstrate the use of psychodrama in the re-array of identity by the internal child reception. This objective, psychodramatically, allows the subject a crescent consciousness and a compatible emotional developement, to be attended in sessions about the childhood abuse that was suffered and about the impotence, anguish, guilt and anger feelings. Invite the adult to play the child's role again, in the suplementar reality, it offers the opportunity to rescue the self-esteem and the lost spontaneity. It concludes in this case that the bipessoal psychodrama by making use of the internal psychodrama, the soliloquy, the double and the role reversal method, it was of very important to the client strengthen itself and express feelings of his inner wounded child, whom can experience his drama in another point of view, strengthening the adult, becoming the subject of his own history. *Keywords:* identity matrix; wounded child; internal psychodrama; suplementar reality

O Psicodrama na Re-matriz de identidade: acolhendo a dor da criança ferida na fase adulta

O tema a que venho abordar tem como objetivo demonstrar como, na psicoterapia psicodramática, poderemos acolher reconstruir, reaprender a conviver com a criança ferida, que na vida adulta é redescoberta. Não é o caso de culpar ou perdoar o adulto que cuidou da criança, mas fortalecer o adulto como sujeito, autor da sua história, hoje fragilizado.

Nessa liberdade de ação o objetivo desse artigo é fazer reflexões a respeito do processo psicodramático que possibilita ao adulto tomar consciência e vivenciar a sua criança interna, assumindo a responsabilidade por seus comportamentos atuais, compreendendo as distorções e o forte impacto das experiências precoces da infância. O objetivo de uma abordagem terapêutica deste tema, não é reforçar a culpa por vezes colocada nos adultos que promoveram maus tratos; é, sobretudo, compreender o que ocorreu consigo mesmo e como os resultados influenciaram a vida adulta, recuperando a sua vitalidade, liberdade e espontaneidade.

O psicodrama tem como proposta auxiliar as crianças na superação de obstáculos a seu desenvolvimento emocional, através daquilo que ninguém pode tirar – sua imaginação (Gonçalves, 1988).

A atenção aos problemas dos adultos sobreviventes de famílias disfuncionais, incestos ou outros abusos infantis gerou uma consciência crescente de que o desenvolvimento emocional de um indivíduo nem sempre acompanha seu desenvolvimento fisiológico. E o objetivo de trabalhar essa criança interna ferida é ajudar o adulto a desenvolver um Eu mais maduro e responsável que possa providenciar proteção e cuidado para com sua parte infantil (Gonçalves, 1988).

Desenvolvimento

Fundamentos teórico-metodológicos do psicodrama

Miller (1997) relata que a experiência nos ensina que temos apenas uma única arma duradoura na luta contra as doenças mentais: a descoberta e a aceitação da história, única e específica, de nossa infância. Toda e qualquer vida é cheia de ilusões, talvez porque a verdade nos parece ser insuportável. Mesmo assim, a verdade nos é essencial e procuramos descobrir, por meio de um longo processo na psicoterapia, a nossa verdade pessoal.

Não podemos mudar o passado, mas saber conviver com ele, e desfazer os males ocorridos na infância, nos possibilita redirecionar as dores para o presente e acolher a ferida aberta, mas consciente do poder de reencontrar, redescobrir e reconquistar a criança ferida que pode existir dentro de nós.

O psicodrama é teatro do encontro, ele é o encontro e a confrontação. Para Moreno (1997), o psicodrama não consiste apenas na encenação de episódios passados, presentes e futuros. Ultrapassa a realidade, oferecendo ao sujeito uma nova e extensiva experiência de realidade, uma realidade suplementar.

O tempo, quando estamos jovens, é percebido como longo no futuro e apenas um curto passado. À medida que caminhamos pela vida, essa proporção muda. Na meia idade, temos um passado maior. O tempo parece interminável quando somos jovens. Mas à medida que envelhecemos, nós o experimentamos como algo que caminha cada vez mais rápido. Para Zerka, o tempo é uma conserva, mas foi criado por Deus e nós o dividimos em bloco (Moreno, 2001).

O problema não consiste em abandonar o mundo da fantasia em favor do mundo da realidade ou vice-versa, o que é praticamente impossível; trata-se, todavia, de estabelecer meios que permitam ao indivíduo “ganhar completo domínio da situação, vivendo em ambos os caminhos, mas capaz de transferir-se de um para o outro” (Moreno, 1983).

Segundo Moreno (1996, pp.78-79):

“retirar as coisas do seu momento, *locus* ou matriz, é desvirtuá-las. O laboratório para o estudo da realidade é a própria realidade”. Para estudar o drama da alma do seu cliente, Moreno tenta penetrar nessa alma: “(...) sua ciência é, pois, uma ciência que brota do momento”.

O psicodrama oferece às pessoas a oportunidade de liberarem um bloqueio de sentimentos ou expressão do passado, que vão desde dizer à pessoa o quanto foram amadas até compartilhar segredos de família relacionados a ofensas que ficaram anos trancados, causando danos silenciosos (Holmes & Karp, 1992).

Trabalhar a criança ferida que existe dentro de cada um, é psicodramaticamente “ensinar as pessoas a resolver seus conflitos num microcosmo do mundo (grupo), livre das restrições convencionais, através da atuação de seus problemas, ambições, sonhos e medos” (Moreno, 1992 pp.33-34).

Ao trazer momentos sofridos da infância de um cliente para a cena psicodramática, observamos que este entra no processo de reconstrução e ressignificação, não apenas rememorando cognitivamente e verbalmente o que se passou na sua infância, mas re-experienciando a emoção desses eventos, no momento presente (Cukier, 2015). Para Hannab Arendt (2001), o psicodrama tem a capacidade de acrescentar significados a algo que poderia originalmente ter sido entediante, doloroso ou que parecesse não valer à pena.

Para Zerka Moreno (2001) quando você entra em uma cena com a própria percepção, ela é tudo o que você tem. Quando se inverte os papéis de verdade, há uma *mudança de percepção*, durante ou após o processo. Nesse processo, destacamos a contribuição de Fonseca Filho (2008), que define o psicodrama interno como uma estratégia que possibilita um exercício de atenção sobre si mesmo, assim como as práticas meditativas, e, portanto, como treinamento para o terceiro estado de consciência, contribuindo para um verdadeiro despertar.

Ainda segundo Fonseca Filho (2008), no psicodrama interno, a imagem prevalece sobre a palavra, ou então se forma um binômio imagem-palavra, no qual a imagem vem em primeiro lugar. O psicodrama interno não propõe somente resoluções de eventuais conflitos, mas objetiva algo mais importante: descobrir e calibrar canais de expressão, essenciais para a comunicação do inconsciente com o consciente.

Para Vitor Dias (1987) o uso do psicodrama interno é utilizado em “quatro situações: superaquecimento do paciente, situação onde a cena imaginária é de difícil concretização, queixas somáticas vagas e situação em que o paciente tem medo ou vergonha ou qualquer outro tipo de dificuldade para dramatizar”.

E segundo Cukier (1992) o objetivo do psicodrama interno é ajudar o paciente a elaborar os seus conflitos através das imagens, sensações e associações internas que aparecem. Ela também pesquisa, através do material obtido, o *locus*, a matriz e o *status nascendi* destes conflitos.

Em se tratando do desenvolvimento infantil, é na matriz de identidade o *locus* onde a criança se estabelece, a placenta social que condiciona grande parte de sua vida futura, onde são transmitidos modelos de condutas sociais e de relacionamento.

É no berço das relações sociais que acontece a re-matriz de identidade, a partir das relações familiares, do berço genético-psicológico-social ou sociométrico primário da criança.

A matriz de identidade é de capital importância na formação da personalidade. Para Fonseca Filho, esta matriz de identidade “é a matriz afetiva primária”, pela qual aprendemos a desempenhar papéis. Então, podemos dizer que nos papéis sociais futuros existe uma fórmula estrutural que contém a síntese das experiências e marcas afetivas desta “matriz afetiva primária” (Fonseca Filho, 2008).

Para Moreno a matriz de identidade é a responsável pela formação da identidade; é o berço, portanto, da consciência de quem somos e de quanto valem, ou seja, do conceito autovalorativo. A matriz de identidade possibilita uma compreensão dinâmica do ser humano e representa “uma porta de entrada da psicodinâmica” (Fonseca Filho, 2010).

Para Fonseca Filho o homem forma a sua personalidade na matriz de identidade, relacionando-se por meio de papéis, fazendo vínculos tele-transferenciais, tendo ou não encontros e liberando espontaneidade em seus momentos de criatividade.

Um olhar terapêutico na criança interna do adulto

Para Cukier (2015) quando o adulto é sobrevivente de famílias disfuncionais, geralmente guardamos Eus infantis, originados em circunstâncias indutoras de vergonha ou desconfirmadoras, que mantêm a experiência e posição iniciais imutáveis, enquanto continuamos a nos desenvolver e amadurecer numa direção adulta.

Observamos grande parte de pessoas que não querem saber de aprofundar o conhecimento da sua história, pois vive situações não resolvidas, reprimidas na infância. Não sabe o que temem e evitam perigos que um dia foram reais, mas que hoje não existem mais. Uma pessoa que sofreu abuso sexual quando criança, por exemplo, que negou a realidade de sua infância, pode ficar constantemente fugindo dos acontecimentos passados, porém, o modo como a sua infância transcorreu influencia consideravelmente a sua vida. As experiências de uma criança podem se conservar no inconsciente e despertar, quando o adulto estiver livre para admiti-las (Miller, 1997).

Portanto, o psicodrama, como uma abordagem fenomenológica-existencial, afirma que o presente contém o passado e o futuro. Entendemos nesta perspectiva, que o trabalho através da relação terapêutica ou das cenas atuais repercute no inconsciente, em seus conteúdos da história passada, ou de projeções de vida (Ramalho, 2010).

O papel do terapeuta psicodramatista na descoberta da criança ferida do cliente

Um dia, Moreno, ao criar o psicodrama, proporcionou-nos a vivência pela segunda vez libertadora da primeira, por meio da realidade suplementar. Realidade extra que nos faz “experimentar todos os papéis num contexto continente, permitindo-nos refazer caminhos, visando conquistar a cocriação” (Nery, 2014, p. 167).

E é na realidade suplementar que podemos trazer a nossa criança ferida para o aqui e agora. A criança interna, segundo conceito na mitologia de muitas culturas, faz parte do lado infantil do adulto, representa a necessidade humana de recapturar a originalidade e a emoção da criança frente ao estresse e à extrema racionalidade do cotidiano. Jung descreveu o arquétipo do *puer aeternus* (a eterna criança presente em todo ser humano), assim como associou esta a um símbolo da totalidade da psique (do Self); e Eric Berne já apresentava essa noção como parte essencial da personalidade na Análise Transacional (Cukier, 2015).

O papel do terapeuta é ajudar a acolher e entender que o passado dessa criança interna fragilizada, ficou no passado. Hoje, adulto, pode-se olhar para essa criança e abraçá-la, acalenta-la. Cukier (2015) relata a importância de se aprender a olhar para si e entender que se pode ajudar o adulto a desenvolver um Eu mais maduro e responsável que possa providenciar proteção e cuidados para com a sua parte infantil.

Na realidade, recebemos clientes que emocionalmente, guardam experiências infantis, originadas em circunstâncias indutoras de vergonha ou desconfirmadoras, que mantêm ainda na vida adulta a posição inicial imutável.

Para Miller (1997), não podemos mudar em nada o nosso passado, o lócus do nosso conflito; não podemos desfazer os males que nos foram imputados na infância, mas podemos nos mudar, reconquistar nossa integridade perdida, na medida em que decidimos observar de perto o conhecimento sobre o passado arquivado em nosso corpo, e colocá-lo mais perto da nossa consciência. É um caminho árduo, mas necessário para libertar a criança interna/ferida que está dentro do corpo do adulto adoecido. O adulto precisa ter consciência dos sentimentos reprimidos/feridos, para poder libertar esta criança e seus sentimentos.

Miller (1997) fala ainda que devemos reavivar a consciência dos sentidos da infância, pois o sentido não mata, liberta. O que pode matar é reprimir os sentimentos, cuja experimentação consciente poderia nos revelar verdades libertadoras e inconscientes. Para ele, “será necessária supri-la de alguma maneira alternativa, enquanto não tiver conhecimento da história reprimida da sua vida” (Miller, 1997, p. 19).

Cukier (2015), comenta que trabalhar a criança interna dos adultos é fazer com que ele tome responsabilidade por seu comportamento atual, compreendendo as distorções e o forte impacto das experiências precoces da infância em suas vidas. A criança interna visa também ajudar o adulto a desenvolver o Eu mais maduro e responsável, que possa providenciar proteção e cuidados para sua parte infantil. O importante é que o cliente não apenas rememore cognitivamente e verbalmente o que se passou na sua infância, mas re-experencie as emoções desses eventos no presente.

Resgatar a criança interna dos adultos é convidá-los a jogar o papel de criança de novo, “olhar seus braços e pernas esfolados e doídos, perceber os curativos de outrora e deixar algumas dessas feridas cicatrizarem de vez” (Cukier, 2015, p. 18). O objetivo maior é o resgate da espontaneidade e a possibilidade do adulto tornar a brincar e recriar em sua vida. Quando ocorrem esses abusos na primeira infância, antes dos 6 anos, a criança é forçada a gerar, por defesa, um mundo secreto, onde ela faz juramento consigo mesma, que consiste basicamente num pacto de vingança e ou de resgate da dignidade perdida. Algo como: quando eu crescer e tiver o poder físico que os adultos têm, nunca mais vou permitir que façam isso comigo, ou com outras pessoas que amo (Cukier, 2015)

Resultados e Discussão

Relatando um fragmento de caso clínico

O presente estudo se baseia num estudo de caso com uma paciente de 58 anos. Ana (nome fictício), procura a terapia para trabalhar a angustia do aliciamento ocorrido pelo pai aos 6 anos de idade. Relata que aos 6 meses de idade a sua mãe, por decisão da avó, deu a filha para o pai criar. O pai, ao receber a filha, a entrega ao seu irmão e esposa para criá-la. Uma vez por ano ele a visitava e se apresentava como tio, levando presentes caros. Aos 6 anos de idade ele resolve criar a filha e informa à criança que ela vai passar férias com ele na sua cidade. Ao chegar na cidade do pai biológico, Ana ficou sabendo que não voltaria mais e que o pai verdadeiro era ele. Ao relatar esse fato, ele também disse que a avó paterna também não era biológica, ele era adotado. Tudo que ela tinha de verdade da vida, sumiu. “*Os seis anos, foram um engano*” (sic).

Seu pai, com bom poder aquisitivo, passa a dar-lhe tudo, melhor colégio, inglês, francês, mas nunca ele lhe perguntava se ela desejava tudo isto. Relata: “*Todas as tardes ao chegar do colégio, ele pedia para eu dormir, mas eu não gostava, não tinha hábito. Foi*

quando eu peguei ele passando o pênis nas minhas pernas e costas, e naquela época não sabia que era masturbação. Isso virou rotina, eu fazia de tudo para não dormir, mas ele sempre insistia, e eu fazia de conta e via ela me aliciando. Fui para o colégio interno e nos finais de semana, ocorria o fato” (sic).

Todas as férias ela visitava os pais adotivos e não tinha coragem de contar. “*Eles eram muito unidos e eu não queria ser o pivô da destruição da família* (sic). Nas primeiras sessões a cliente revela que seu maior desejo é ter firmeza para falar ao pai biológico tudo que ela sente: “*Depois de um câncer de mama, eu não quero guardar nada, ele me fez muito mal e eu até hoje tratava como o melhor pai e avô do mundo. Mas não quero guardar mais isso, ele não foi pai, ele foi um monstro* (sic).

Escolhemos uma sessão do processo terapêutico para ilustrar um breve fragmento que aborda este tema. A cliente chega ao consultório falando que está cansada de lutar e que a vontade é se esconder embaixo da mesa e ficar quietinha. Após relatar alguns momentos da semana, retornou com a mesmo desejo de ficar em baixo da mesa. Se sentia uma criança indefesa e acuada. Solicitei que ela andasse pela sala e fosse pensando como é ficar quietinha, debaixo da mesa. Andando pela sala fui sugerindo que ela percebesse seu corpo, respiração e que soltasse o seu corpo. Depois, que ela encontrasse um lugar que representasse essa mesa. Ela ficou atrás do sofá e se encolheu toda, colocando a cabeça entre as pernas. Pedi que fizesse um solilóquio.

P- (*solilóquio*) ...Estou angustiada, com vontade de sumir, não quero sair daqui, não tenho ânimo, nem vontade de sair.

Nesse momento, solicito que relate como é a vontade de sumir e o que significa sumir,

T- Como é ficar assim, sem ânimo?

P- Confortável, triste, mas é o que nesse momento eu quero.

T- Em que parte do corpo mais você sente esse desconforto nesse momento?

Quando é pedido que a paciente fale do desconforto e que identifique a tristeza, numa parte do corpo, estamos buscando facilitar a emergência de uma situação inacabada que teve origem na sua matriz de identidade, quando criança. Visando facilitar um procedimento de ação, com uma *concretização*.

P- Na minha alma. Me sinto uma criança.

T- Posso conversar com sua alma? (peço que ele assuma a alma, e inicio uma entrevista no papel).

P- Pode.

T-Alma, como você pode ajudar a Ana?

P- (*alma*) não sei , ela não quer ajuda, estou triste.

T- (*Pedi que ela voltasse ao seu papel e informei que assumiria o papel da alma*) Eu preciso de ajuda!

P – Não tenho força, alma, para ajudar ninguém, sempre ajudei todo mundo, a sensação é que não tenho mais energia.

T- (solicitei que trocasse de papel e respondesse como a alma)

P - (*alma*) Eu não sei como te ajudar, você não quer.

Nesse momento coloquei a almofada no lugar de Ana e pedi que ela olhasse de longe aquela pessoa toda encolhida no canto, atrás do sofá. Perguntei o que ela sentia ao olhar. A cliente disse que entendia o sofrimento daquela criança, mas naquele momento não podia fazer nada. Eu pedi que ela falasse alguma coisa para aquela pessoa. Ela disse: “*levante dai, mesmo sem força*” (*sic*) e começou a chorar.

Ao compartilhar a sessão, disse que ainda não é fácil, mas que aquela situação da infância ainda estava muito presente na vida dela. Ao terminar a sessão perguntei como ela estava e, agradecida, falou: “*estou leve, falei tudo que estava preso, obrigada...*” (*sic*).

Nessa sessão, ficou claro que trabalhar sentimentos no “como se”, usando a inversão dos papéis, o solilóquio e outras técnicas do psicodrama, foram um facilitador para a cliente expressar e ampliar a compreensão dos sentimentos infantis, pois muitas vezes se escondia através da submissão, com medo de sofrer mais.

A cliente, ao término da sessão, concluiu que aquela criança que estava no canto era a mesma que se encolhia na cama e em outros momentos difíceis da sua vida. Ao poder dar vida e voz àquela criança, se sentiu mais forte para encarar uma nova fase da sua vida.

Considerações Finais

Ao trazer em sessão relatos escritos e verbais, que não tinha condições de encarar seu pai (nos momentos que sofria o abuso) a cliente é tomada de uma terrível sensação de angústia, culpa e raiva, por ter enterrado consigo tantos anos, uma verdade que ainda doía muito, que a impedia de ser naquela época, uma criança normal, alegre e com sonhos. Se vê

atualmente com uma mistura de sentimentos, com uma dor na alma e com arrependimento por não ter colocado para fora o abuso, que ocorreu a partir dos seus 6 anos de idade.

Enquanto criança teve sua matriz de identidade desconstruída ainda nos seis meses de vida, quando foi entregue ao pai biológico para ser cuidada e esse pai transfere a responsabilidade para seu irmão. E, aos seis anos de idade esse pai retira mais uma vez a criança do seio familiar e assume a criação. Essa criança que vivencia o abandono e o abuso passa a não ter um núcleo central na sua formação.

Quando ocorrem esses abusos na primeira infância, antes dos 6 anos, a criança é forçada a gerar, por defesa, um mundo secreto, onde ela faz juramentos consigo mesma, que consiste basicamente num pacto de vingança e ou de resgate da dignidade perdida. Algo como: “quando eu crescer e tiver o poder físico que os adultos têm, nunca mais vou permitir que façam isso comigo, ou com outras pessoas que amo”.

Rematizar no presente estas marcas da sua matriz de identidade e reconstruir a criança ferida da infância, no processo terapêutico que está em andamento, a faz revisitar esta matriz e o papel da criança ferida. O abuso aos seis anos pelo seu pai biológico foi por muitos anos esquecido ou evitado, dentro da criança ferida.

Uma criança não nasce com autoestima e nem tem noção alguma de valor pessoal. Ela absorverá esse valor de fora para dentro, de acordo com a autoestima e dedicação que seus pais têm por ela (Cukier, 2015). Se enquanto criança não foi respeitada, desenvolveu dificuldades de autoafirmação e de autoestima ao longo de sua vida.

O vínculo entre pais e filhos pressupõe uma hierarquia, em que duas pessoas adultas resolvem ter uma criança pela qual serão responsáveis até o seu crescimento e autonomia. Mas quando ocorre o abuso físico, emocional ou sexual, a criança não consegue se defender, passa a assistir passivamente, ou se submete ao poder do adulto. Tal submissão força a criança a sentir sentimentos de vergonha, humilhação e inferioridade, que jamais serão esquecidos, apesar de todos os esforços que fizer para negá-los, disfarçá-los e/ou modificá-los (Cukier, 2015).

Adam Blatner (1973) relata que o psicodrama torna “explícita a atuação inconsciente que usamos como mecanismo de defesa psicológica, para descarregar impulsos através da atuação simbólica ou real”. Dessa forma, “o psicodrama emprega métodos naturais de recuperação usados pela criança e adultos que sofreram um trauma”.

Para Ramalho (2014), no psicodrama o ato terapêutico é uma criação coletiva que propicia, num cenário especial, a realidade suplementar, ao incorporar à fantasia, a metáfora, a imaginação, a realidade percebida e o aqui agora (que torna o presente o passado, o presente e o futuro no movimento existencial).

O desejo de abraçar essa criança ferida ainda está sendo trabalhado neste caso, mas com a continuidade das sessões semanais, objetivamos que ela se fortaleça e se prepare para, mais adiante, realizar o seu grande sonho que está guardado há 50 anos, que é falar para o pai, sem tanta dor, tudo que ela, nesses anos, guardou para si e que só agora, depois do câncer, e com a terapia, conseguiu reestruturar e reorganizar, com a revelação das tristezas da sua alma.

Verificou-se que, baseado no breve relato de um recorte de psicoterapia bipessoal, a realidade suplementar, o solilóquio, a concretização, o duplo, a entrevista no papel e a inversão dos papéis, foram de suma importância para o fortalecimento naquele momento, da alma da cliente, que se sentia ferida em sua criança interna.

Referências

- Arendt, Hannah. A condição humana/ tradução de Roberto Raposo, prefácio de Celso Lafer. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- Cukier, R. (1992) Psicodrama bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente. Ágora, São Paulo.
- Cukier, R. (2015) Sobrevivência Emocional: as dores da infância revividas no drama adulto, 6. ed., Ágora, São Paulo.
- Dias, V. R. C. S. (1987). Psicodrama: Teoria e prática. Ágora.
- Fonseca Filho (2008) Psicodrama da loucura: Correlação entre Bulwer e Moreno. 7º ed. Ágora, São Paulo.
- Fonseca Filho, J.S. (2010) *Psicoterapia da Relação*: elementos de psicodrama contemporâneo. Ágora, São Paulo.
- Gonçalves C. S. (1988) Psicodrama com criança: uma psicoterapia possível. Ágora, São Paulo.
- Holmes, P. & Karp M. (1992) Psicodrama: inspiração e técnica. Ágora, São Paulo.
- Miller, A. (1997) O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos. Summus, São Paulo.
- Moreno J. L. (1983) Fundamentos do Psicodrama. Summus, São Paulo.
- Moreno, J. L. (1978) Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. Mestre Jou, São Paulo.

- Moreno, Z. T. Blomkist, L. D. Rützel, T. (2001) A realidade suplementar e a arte de curar. Ágora, São Paulo.
- Moreno. J. L. (1923) O teatro da espontaneidade. Summus, São Paulo.
- Moreno. J. L. (1997) Psicodrama. 4 ed., Cultrix, São Paulo.
- Nery, M. P. (2014) Vínculo e afetividade: Caminho das relações humanas. 3 ed., Ágora, São Paulo.
- Ramalho, C. M. R. (2010) Psicodrama e dinâmica de grupo. Ed. Iglu, São Paulo.